

P A D R E A N T Ó N I O V I E I R A

As cinco pedras da funda de Davi

análise de dois sermões italianos de Vieira

*Estes Sermões
não estão entre aqueles
que o Padre Vieira
considerava que sofreram
a “corrupção” das edições
que vinham a público
sem a sua autorização.
Quando observamos
a unidade temática,
a harmonia
dos argumentos
e das conclusões,
o elenco de referências
e o brilhantismo
das considerações
filosóficas e teológicas,
nos convencemos que
foram cuidadosamente
redigidos,
antes de pregados.*

**Valmir Francisco
Muraro**

*Coordenador do Curso
de História da Universidade
Federal de Santa Catarina.*

Os Oratórios romanos

Em Portugal e na Europa, durante o século XVII, os sermões constituíam-se em práticas religiosas e sociais apreciada, tanto pela a população humilde, como pelos nobres, clérigos e intelectuais. Além de proferidos nos púlpitos em celebrações especiais muitos sermões eram escritos, frequentemente publicados e utilizados como textos literários.

O Padre António Vieira ao longo de sua vida dedicada às Missões no Brasil, à diplomacia em Portugal, entre outras actividades, dedicou-se a pregação de mais de duas centenas de Sermões. Porém, um número muito pequeno deles é conhecido do grande público. O presente artigo tem por objectivo precípuo a análise do teor dos cinco “discursos morais” proferidos em Roma pelo autor da História do Futuro, reunidos sob o título *Le Cinque pietre della funda di David*.

Em 1669, o Padre António Vieira partiu para Roma, onde concentrou seus esforços no combate às práticas do Santo Ofício em Portugal, na defesa dos cristãos novos e na busca de recursos financeiros necessários para a criação da Companhia Comercial da Índia¹. Con-

¹ António Vieira desembarca em Roma em 1669, certamente sendo da revisão do processo movido pela Inquisição Portuguesa, que o condenara por heresia. Seis anos mais tarde o Papa Clemente X, através de um Breve, o libera das condenações e dos tentáculos dos tribunais inquisitoriais de Portugal e de outros reinos.

tudo, em pouco tempo estará envolvido com as pregações. Os primeiros Sermões de Roma não atraíram público numeroso, pois proferidos em língua portuguesa. O padre João Paulo Oliva ocupava na mesma época as funções de Superior Geral da Companhia de Jesus e de pregador oficial do Colegiado de Cardeais. Sua idade avançada recomendava a renúncia ao púlpito e no padre António Vieira percebia um sucessor digno em eloquência e sabedoria.

Ernest Carel relata em seu livro “Vida do Padre António Vieira”, que a Rainha Cristina fundara em seu palácio de Roma uma espécie de academia, na qual reunia sábios, moralistas, literatos e historiadores. Falando dos Oratórios romanos, António Vieira os descreveu como locais dedicados a representações das histórias célebres da Bíblia e significavam exercícios de piedade e devoção. Durante a noite, no encerramento da solenidade era proferido um sermão para divertimento espiritual da Corte², quando “excelentes artistas representavam, com música, algumas passagens da Sagrada Escritura”.³ Lúcio de Azevedo definiu os Oratórios como “óperas sagradas” representadas nos templos. Para minimizar o carácter profano das actividades era oferecida uma prática no púlpito.⁴ O mesmo autor comentou as seguidas recusas do missionário brasileiro de pregar em língua que não fosse a portuguesa. A autoridade do superior da Ordem e o Voto de Obediência prevaleceram. Em 1672, durante a Festa de São Francisco de Assis, o padre Vieira pregaria pela primeira vez em língua italiana, diante de um número significativo de prelados⁵. A partir desta data as suas pregações passaram a atrair um número tão grande de ouvintes que exigiam a presença de guardas destacados para preservar os lugares reservados às autoridades eclesiásticas e os convidados especiais⁶.

O Sermão *Le Cinque pietre della fionda di David* foi pregado em Roma a convite da rainha Cristina Alexandra da Suécia, durante a Quaresma de 1674. Nele o pregador jesuíta pintou com cores fortes a luta contrastante entre o gigante Golias e o pequeno Davi, ou seja, entre a força excepcional do soldado profissional, treinado para matar, e a confiança inabalável do jovem pastor⁷.

Conhece-te a ti mesmo

Descobre-se na análise dos discursos *Le Cinque pietre della fionda di David* que o autor pintou um quadro no qual se destaca o vocabulário do campo semântico da

² AZEVEDO, João Lúcio de, *Cartas*, Lisboa, Imprensa Nacional, v. III, 1971, p. 16.

³ CAREL, Ernest, *Vida do Padre António Vieira*. São Paulo, Edições Cultura Brasileira, s/d. p. 343. A Rainha Cristiana, convertida ao catolicismo pelos jesuítas, e parte dos seus convidados, clérigos e nobres, fundaria a Academia Real, semente da futura Arcádia Romana.

⁴ AZEVEDO, João Lúcio de, *História de António Vieira*, Lisboa, Livraria Clássica, tomo III, 1931, p. 156.

⁵ Em Roma, entre 1669 e 1675, António Vieira escreveu um número significativo de textos como cartas, prefácios, dedicatórias e Sermões, entre eles, os cinco “discursos morais”, *Le Cinque pietre della fionda di David*. Entre os vinte e um Sermões que proferiu em Roma, nove em língua italiana, além do discurso *Le lacrime di Eraclito*. Outras informações sobre os escritos italianos do Padre Vieira poderão ser localizadas no artigo de SALOMÃO, Sonia Netto. “Os sermões “italianos” de António Vieira: contribuições para um estudo crítico”, in MENDES, Margarida Vieira et alii (org.). *Vieira Escritor*, Lisboa, Edições Cosmos, 1997, pp. 64-77.

⁶ AZEVEDO, João Lúcio de, *História de António Vieira*, p. 154.

⁷ *Ibid.*, p. 163.

guerra. Os impulsos motivadores dos discursos e os testemunhos foram buscados nas Escrituras e na História. Com exímio comentador António Vieira utilizou com frequência as imagens sensoriais como forma de tornar evidentes os exemplos utilizados. A integração de imagens e conceitos impulsionou o ritmo dos discursos. A imagem como alegoria serviu para materializar os conceitos, ao mesmo tempo que serviu de prova da argumentação, funcionando com autoridade de texto sagrado.

Verifica-se na análise dos discursos proferidos durante a Quaresma de 1674, que o Padre António Vieira partiu do axioma da sabedoria antiga *conhece-te a ti mesmo* para caracterizar o ser humano. Alertava os ouvintes que o ato de *conhecer a si mesmo* dependia de verdadeira ciência, ou seja, as acções como filhas do pensamento, ou ideias, que cada um em de si mesmo. A leitura dos discursos revela que, diante do exército israelita amedrontado se destaca a figura de Davi sorridente e triunfante diante do poderoso inimigo, pois vitorioso em seu pensamento. A fragilidade física do jovem pastor não impediu a vitória, já conhecida em pensamento. O orador insistia na ideia de que o verdadeiro conhecimento vinha do interior, ou seja, proveniente da alma.

Sem dúvida, António Vieira proclamava a beleza da obra divina, mas reconhecia a relevância do corpo como instrumento do conhecimento. Como o aço no espelho serve à vista ao rebater e lançar de si a imagem de quem se vê no espelho, assim o corpo serve também ao conhecimento reflexo.

Como elemento impulsionador do discurso o Padre Vieira apresentou no exórdio a expressão *elegit quinque limpidissimos lapides de torrente: et percussit Philistoeum, et infixus est lapis in fronte ejus*⁸. O mesmo fragmento do Livro de Samuel serviu para unificar a matéria do Sermão e criar o clima de suspense suficiente para despertar a atenção do público. A frase *elegit quinque limpidissimos lapides de torrente* foi repetida no início de cada um dos cinco encontros, estabelecendo o elo de ligação entre os discursos.

Etimologicamente, na língua hebraica, o nome *Davi* significa *o amado*. Para o pregador jesuíta passou a significar *manus fortis*, pois admirável na harpa e admirável na funda. Com os dedos tocava a harpa para afugentar os demónios, com as mãos disparava a funda, que fazia desabar por terra os gigantes. António Vieira revelou-se na longa trajectória de orador um especialista em descobrir novos significados para termos e expressões da literatura sagrada. Segundo António Saraiva é “interessante observar a este respeito que Vieira estabelece uma diferença entre os nomes impostos por Deus, aos impostos por Adão depois do pecado. Quanto aos primeiros, o sentido e a essência da coisa são criados pela própria palavra de Deus”⁹. Nomear e criar, portanto, são única e mesma acção. Assim, mais um vez o pregador demonstrava sua habilidade em revelar significados para termos, expressões e nomes bíblicos.

Em Vieira os signos não representavam, necessariamente, o mesmo que as palavras significam na linguística contemporânea, mas manifestações visíveis de verdades ocultas, cujo segredo deve ser garimpado. Portanto, não é estranho ao leitor atento que o nome de Davi ocultasse o significado de *manus fortis*.

Na elaboração dos discursos da Funda de Davi o Padre Vieira utilizou de recursos herdado dos pregadores medievais conhecidos como *claves*. A análise das palavras-chave facilitava a compreensão do sentido dos discursos, dos ensinamentos

⁸ I Livro de Samuel, 17, 40-54.

⁹ SARAIVA, António J. *O discurso engenhoso*. São Paulo, Perspectiva, 180, p. 19.

e para estabelecer as ligações entre diferentes palavras ou textos sagrados. Assim como a funda prostrou Golias, o Sermão derrotaria os inimigos de Cristo. Quando o pregador inaciano afirma que estava “dividindo estes dous instrumentos, e dando a cada um o que lhe toca, aos cantores deixo a harpa, e para mim tomarei a funda”¹⁰, não estava somente elegendo as palavras-chave, mas também tornando única a matéria dos cinco discursos e definindo os diferentes papéis. O público presente, também constituído por clérigos, que participavam da administração do Vaticano, caberia o papel de cabeça do gigante. O orador assumia o papel de Davi: “para mim tomarei a funda” e as suas palavras representavam as pedras lançadas pela funda. Os tratados de retórica da época previam esta inserção nas prédicas, pois serviam para atrair a atenção dos ouvintes com atribuições de papéis diferentes.

Utilizando de vocabulário do campo semântico da guerra, emoldurado num cenário de combate iminente, ocupando ainda um local diferenciado daquele reservado ao público, o pregador jesuíta preparava o clima adequado para ser ouvido:

“Quarenta dias (como se fora uma Quaresma inteira) estive o superbíssimo gigante em campo, provocando a desafio os exércitos de Israel, e afrontando a Deus em seu povo; temiam e tremiam todos, quando chegou o pastorinho Davi: e o que fez?”¹¹

Além de montar o cenário do espectáculo de forma dramática, percebe-se na continuação do fragmento citado, a presença de outro expediente frequentemente utilizado pelo Padre Vieira: a oposição entre grande (soberbíssimo gigante) e pequeno (o frágil pastorinho). No desenvolvimento do Sermão, a estratégia seria utilizada outras vezes ao contrapor termos como Céu x Terra, alto x baixo, pecado x salvação.

António Vieira, além de fundamentar seus discursos nas Escrituras, frequentemente encontrou reforços para os seus argumentos em sábios da antiguidade como Aristóteles, na autoridade dos teólogos e Santos Padres, como Agostinho e Basílio.

O Cardeal Hugo, frequentador dos encontros promovidos pela Rainha da Suécia, forneceu os argumentos desenvolvidos nos cinco encontros programados para a Quaresma de 1674. O pregador sinalizou cada um dos passos que seriam dados com as seguintes palavras: *Quinque lapides* (diz ele) *sunt: cognito sui, dolor amissi, pudor commissi, timor supplicii, spes aeterni gaudii*. A sugestão do Cardeal, ao elencar temas tão diversos, em tese, contrariava a opinião do pregador sobre a eficácia das pregações, defendida no Sermão da Sexagésima, quando destacava a importância da escolha de uma única matéria.

Aparentemente preocupado com a diversidade temática o pregador, ainda no exórdio, insistia na convocação do público, nos seguintes termos:

“Dos meus ouvintes só uma cousa desejo. Davi cravou a pedra na testa do gigante: poque trazendo todo corpo armado e coberto de ferro, só a testarazia desarmada e nua. Assim peço, me deis as vossas, nuas de paixão, nuas de afecto, e ainda de curiosidade nuas”¹².

A análise atenta do exórdio nos permite identificar os cuidados do pregador em

¹⁰ VIEIRA, António, *op. cit.*, p. 185.

¹¹ *Ibid.*, p. 185.

¹² *Ibid.*, p. 189.

propor uma única tese, dividida em cinco argumentos. Garantia assim a unicidade da matéria. Indicava ainda a origem das provas, que seriam amplificadas com textos teológicos e históricos, e insistia na persuasão do público, na iminência de ser premiado com revelações significativas.

Entre os argumentos presentes na apresentação dos discursos *As cinco pedras da funda de Davi*, predominaram aqueles de ordem moral. António Vieira buscou, antes de tudo, resultados práticos como aqueles obtidos por Davi diante do gigante filisteu. As pedras, como argumentos sólidos (*lapides*) atingiriam a testa “desarmada e nua”. Assim, Roma como cabeça da Igreja, seria atingida e convertida. A pedra, como Pedro, evidenciava a imagem da Igreja vitoriosa. O cenário do combate estava montado. Combatentes a postos e as armas definidas. Terreno preparado para *seminare*.

A expressão *elegit quinque lapides limpidissimos de torrene*, foi proferida na abertura de todos os cinco discursos. A repetição servia como elemento memorizador, elo de ligação entre os diferentes discursos, dilatação do suspense e para criar a sensação de que o conteúdo fora esgotado e as dificuldades superadas.

Cognitio sui foi a primeira pedra lançada pela funda de Davi à cabeça de Golias, isto é, o conhecimento de si mesmo, considerado pelo pregador o instrumento impulsionador das acções humanas.

Conhecendo a si mesmo Davi sabia antecipadamente do resultado do seu confronto com a adversário filisteu. Sua convicção permitia-lhe aguardar com serenidade o momento do combate, que se revelaria fatal. Davi dera-se ao luxo de escolher *lapides limpidissimos de torrente* e estava “animoso e risonho, porque conhecia a si mesmo e a seu valor”.¹³ Triunfou com as mãos porque antes triunfara com o pensamento.

Quando proferiu o primeiro discurso António Vieira definiu o homem como composto, pouco menos que quimérico, formado por duas partes tão distintas como lodo e divindade. Contudo, questionava: como declara o homem o conhecimento de si mesmo? Se pelo aspecto humano, corre o risco de degenerar para a soberba como Lúcifer. Concluiria que o limpo conhecimento de si mesmo é aquele da alma. Porém, assim como o aço tem papel primordial para o espelho na sua função de reflectir imagens, assim o corpo tem sua utilidade para reflectir o conhecimento da alma. No Antigo Testamento e em Santo Ambrósio o pregador jesuíta encontrou testemunhos para “provar” que o indivíduo, com ou sem corpo, será sempre o mesmo homem.

Antecipando as possíveis objecções e dúvidas despertadas nos ouvintes o pregador perfilava novos argumentos impulsionadores do discurso. Revelava com a estratégia, que o tema seria esgotado e todas as dúvidas sobre as “provas” apresentadas seriam dissipadas. Assim, retomando a questão do ser humano como corpo e alma o Padre Vieira encontrou novos argumento em Platão e São Paulo. O corpo como pele ou cárcere do ser humano. Considerava que os dois pensadores haviam chegado a conclusões muito próximas, porém, subsistia um dilema: como demonstrar que a teologia Paulina era verdadeira e a filosofia platónica falsa? A aparente contradição oferecia ao orador a oportunidade de “montar e desmontar” os argumentos dos autores mencionados e enriquecer o teor da prédica. Com suas habili-

¹³ *Ibid.*, p. 189.

dades evidentes de pregador criava divisões e oposições em questões aparentemente unas e harmónicas.

Desenvolvendo a estratégia da unidade dentro da universalidade António Vieira conseguia lançar dúvidas sobre questões consideradas resolvidas. Assim, os discursos recebiam nova dinâmica, na medida em que as próprias dúvidas levantadas pelo pregador eram respondidas:

“Aqui vereis como as mesmas posições católicas e divinas podem parecer erros, se interpretarem contra a mente de quem as diz, ou por ignorância, ou por malícia; crer e entender que o corpo não é parte do homem, é erro de Platão; estimar o corpo e tratar o corpo, como se não fora parte do homem, é teologia de S. Paulo, e sabedoria do terceiro céu”¹⁴.

Sem dúvida, Vieira concordava com a teologia de São Paulo na questão do homem natural, corpo-alma, e do homem moral, alma. Não revelava qualquer preocupação com o homem natural, mas esgrimava com argumentos que pudessem promover a reforma do homem moral. Preocupava-se, acima de tudo, com a alma.

António Vieira utilizaria de maneira engenhosa estratégia utilizada em pregações anteriores aos discursos *As cinco pedras da funda de Davi*, isto é, em algumas situações ocupou o lugar de Davi e, em outras, o de Deus. Por exemplo, inseria-se na trama ao afirmar que “dessa diferença de ser a ser, e de homem a homem nasce semelhança da boca de Deus com a boca do pregador”.¹⁵ Neste jogo revelava-se a intenção do orador em elevar a credibilidade dos seus argumentos ao nível da divindade.

Assim como a vitória de Cristo sobre a morte, Davi obteve a sua pelo mérito do conhecimento de si mesmo. O pregador jesuíta prometia aos seus ouvintes o mesmo sucesso se partissem da mesma fonte, isto é, “este *sciens*, ó Roma, este *sciens*, e este alto conhecimento de nós mesmos; ó senhores, é aquele que vos prego hoje; não o princípio e o fim do corpo, que é terra, senão o princípio e o fim da alma, que é Deus”.¹⁶

Contrapondo os termos céu x terra, alto x baixo e vil x precioso o Padre Vieira conclamou o auditório para que valorizasse o auto conhecimento da alma, nos seguintes termos:

“Espíritos romanos e generosos: se quereis estátuas no Capitólio, ou deste ou do outro mundo, sabeis que na própria cabeça tendes a mina dos metais; se vos conhecerdes como corpo, toda a estátua será pó; se vos conhecerdes como alma, toda a estátua será ouro; conhecei-vos altamente, e isto basta”.¹⁷

Seguindo um procedimento comum nos sermões da época António Vieira recorreu a *confutatio*, isto é, a formulação de um elenco de possíveis objecções do auditório, com o objectivo de acrescentar novos elementos às “verdades” já anunciadas e dirimir qualquer dúvida sobre o tema tratado no primeiro discurso.

Recorrendo ao recurso do intertexto, ou seja, retirando exemplos dos domínios da história romana, conhecidos dos ouvintes, o pregador reforçou os argumentos fundados nos textos teológicos.

¹⁴ *Ibid.*, p. 198.

¹⁵ *Ibid.*

¹⁶ *Ibid.*, p. 201.

¹⁷ *Ibid.*, p. 202.

Ao concluir o primeiro discurso o Padre Vieira procurou mover o afecto do auditório utilizando exclamações, contrições e conclamando à conversão.

A dor do bem perdido

No segundo encontro da Quaresma de 1674, o orador brindou os convidados da Rainha da Suécia com o tema da dor do bem perdido: *dolor amissi*. Buscou fundamentos e inspiração na Parábola do Bom Pastor. Recorreu ainda à Parábola do Filho Pródigo e aos sofrimentos de Jó, para afirmar que “este é todo o mistério da dor do bem perdido: da perda nasce o conhecimento, do conhecimento a estimação, da estimação da dor: *dolor amissi*”.¹⁸

Utilizando de silogismos e questionando o público o orador, intencionalmente, produziu resultados duvidosos do ponto de vista teológico e moral. Desenvolveu raciocínios que resultaram em conclusões teológicas duvidosas e insuficientes, considerando o público erudito que o ouvia. Com tal procedimento despertava o interesse dos ouvintes e retomavam a argumentação com elementos complementares. Estabelecendo uma escala de gradação do bem conseguia dar continuidade e harmonia aos discurso:

“Para satisfazer à curiosidade utilíssima deste ponto, suponho primeiro, que nas perdas do bem há mais e menos; há bens mais perdidos, e bens menos perdidos. Bem perdido menos perdido é aquele que depois de perdido se pode recuperar: o bem mais perdido, e totalmente perdido, é aquele perdido uma vez, não pode recuperar-se. Perde um homem a Deus, e perde o tempo: qual é maior perda? Em razão do bem é Deus, em razão de perdido é o tempo: porque Deus perdido pode recuperar-se; o tempo perdido não se pode recuperar. Mais: há bens perdidos, que com a mesma dor de tê-los perdido se recuperam: e há bens perdidos, que com nenhuma dor se podem recuperar depois de perdidos”.¹⁹

Aparentemente, o pecado provocou a perda do bem maior. Contudo, o orador inaciano brindou seus ouvintes e leitores com uma interpretação teológica original, ao analisar o teor da expressão *dor heróica* nos seguintes termos:

“Nem a natureza, nem Deus fizeram neste mundo cousa alguma ociosa, inútil, e sem fim; e qual é o fim para que Deus se fez dor, que parece tão contrária, e tão inimiga da mesma natureza? Pelos efeitos se vê: nenhum mal se remedia com a dor, senão o pecado; nenhum bem se restaura pela dor, senão a graça; logo, só para remédio deste mal e só para restauração deste bem foi feita a dor”.²⁰

Ao concluir o Discurso Segundo, o pregador recomendou aos ouvintes que guardassem como mensagem da reflexão daquela noite que a dor é o único remédio do bem perdido e o maior bem perdido é o da dor que se perde. Ao discorrer sobre a

¹⁸ *Ibid.*, p. 211.

¹⁹ *Ibid.*, p. 212-213.

²⁰ *Ibid.*, pp. 223-224.

dor do bem pedido conseguiu distinguir com clareza a questão da dor natural e da dor cristã. Teria ainda, sem grandes movimentos de eloquência, proferido um sermão no qual se destaca o carácter académico e filosófico. As considerações teológicas foram mantidas num plano secundário. De forma didáctica e lógica o Padre Vieira proferiu uma prédica na qual os grandes voos oratórios, que caracterizam muitos dos seus Sermões, não se fizeram presentes.

As faces coradas de vergonha

Simbolicamente, a terceira pedra da funda de Davi tinha como alvo a testa do gigante filisteu. Contudo, a ferida seria aberta no seu coração e o sangue deslizaria pela sua face: *pudor comissi*, ou seja, a vergonha pelo pecado cometido. O pregador recordava que no passado os pecados eram cometidos ocultamente, pois o pecador envergonhava-se diante da possibilidade de ser visto. Afirmava que no seu tempo os vícios poderiam ser avistados nas praças e mesmo nos templos de Roma. Contra os “monstros” dos costumes foi dirigida a pedra do Discurso Terceiro.

Partindo do princípio de que “a vergonha é efeito natural do pecado; e é remédio como natural do pecado a mesma vergonha” o Padre Vieira deu início a sua pregação da terceira semana da Quaresma de 1674. Alertou que, assim como a morte violenta, a vergonha tira e derrama sangue, cada uma a seu modo. A morte tirando o sangue das veias, lança-o a terra: *afundare*. A vergonha tira o sangue do coração e fá-lo cair por terra: *suffundere*.

Segundo as palavras do orador inaciano a Deus agrada mais satisfazer o sangue da vergonha, pois nobre e fidalgo. O sangue da violência é do corpo e derramado por terra. Aquele da vergonha é espírito de sangue, racional e confissão de culpa. Com o sangue da morte violenta castiga Deus ao homem e com o sangue da vergonha castiga o pecador a si mesmo.

De maneira alegórica, o Padre Vieira atribuiu um novo significado ao termo sangue. A vergonha passou a ter eficácia moral e o pecado transformou-se em “pai da vergonha e a vergonha filha e morte do mesmo pai”. Questionava ainda sobre “qual será na mesma vergonha, e sobre o mesmo pecado, o ponto mais fino, mais heróico, e, como fala o nosso Texto, o mais limpo: *Limpidíssimos lapides?*”, para concluir que, “Com certeza, será a vergonha de Deus, vergonha dos outros, vergonha de si mesmo. Com isso, estabelecia divisões em termos, aparentemente indivisíveis e concluía que a vergonha mais heróica era a de que “me envergonhe eu de ofender a Deus, que não vejo, nem posso ver que me vê”.²¹

Novas provas foram apresentadas pelo orador na sequência do discurso. Além das fontes teológicas, encontrou na história romana bons argumentos para aprofundar a análise sobre a questão da vergonha. Apresentou Séneca ensinando seus discípulos que o grau de virtude tem como medida o grau da vergonha do vício no interior de cada indivíduo. O testemunho vindo de gentio reforçava a convicção de que a vergonha a respeito de si mesmo era filha da razão.

Transformando seus ouvintes em personagens do enunciado o orador jesuíta im-

²¹ *Ibid.*, p. 230.

primiu novo impulso à prédica. Tentava convencê-los da necessidade da acção prática, ou seja, das obras. Recorreu ainda às imagens sensoriais e alegorias, tratando de materializar os conceitos, tornando-os “provas” concretas da argumentação. O crepúsculo e a aurora da cidade de Roma transformaram-se nas faces coradas da vergonha, materializando conceitos abstractos:

“Por isso a Igreja nos ensina, como nos havemos, e não havemos de nos envergonhar; envergonharmo-nos como a aurora, para passar das trevas à luz: *Eratis aliquando tenebrae, nunc autem lux in Domino*; e não no envergonharmos como o crepúsculo para passar da luz às trevas: *Dilexerunt homines mais tenebras, quam lucem*”.²²

Demonstrando a convicção de que as atitudes práticas ou acções acrescentariam significado ao que tinham ouvido, o orador indicava a proximidade do término da sua prédica. Recomendava aos reticentes para que agissem de acordo com rubor da aurora, que o fizessem conforme o rubor do crepúsculo, em outros termos, se não dispusessem de força suficiente para evitar o pecado, que fosse feito ocultamente. Dirigiu-se ainda ao auditório nos seguintes termos:

“Senhores meus (falo com toda a Itália), quando são verdadeiros os discursos não são necessários prodígios; mas quando os prodígios e tão formidáveis, concordam com os discursos, não temer os avisos e ameaças do Céu, não só é faltar à razão, senão também à fé. O primeiro remédio de evitar os castigos, é tirar os pecados; o último escondê-los. Se vos não envergonhais para não pecar, ao menos pecai com vergonha.”²³

Caracterizado pela presença constante de termos e expressões de efeitos literários requintados, o Discurso Terceiro tratou ainda da questão da vergonha com “clareza, poderosa lógica, conhecimento profunda da Escritura, transparente lucidez de um estilo perfeito, eis as qualidades que os entendidos reconheceram nos discursos da Funda”.²⁴

Interpretações teológicas e exegéticas originais e um número considerável de novos significados para palavras e expressões bíblicas se fizeram presentes neste discurso.

Deus eternamente blasfemado

O Sermão *As cinco pedras da funda de Davi* atingiu seu ápice durante o Discurso Quarto. De acordo com as palavras do pregador, até aquele momento a funda não tinha sido utilizada com “com maior terror, nunca de maior horror e espanto, que no tiro que faz hoje”. Num clima de suspense, no qual o estalo da funda foi comparado ao estrondo do trovão e a pedra ao raio, os resultados deveriam ser espectaculares. O orador advertia o público presente dizendo:

²² VIEIRA, Antônio, *op. cit.*, p. 244.

²³ *Ibid.*, p. 246.

²⁴ CAREL, Ernest, *op. cit.*, pp. 354-355.

“O estalo é tão horrível e temeroso, que só ouvido fará desmaiar e tremer ao maior gigante; a pedra é tão dura e tão forte, que ainda que a testa esteja armada de aço e de diamante, a romperá sem resistência, e a penetrava até o cérebro: e qual será a ferida tão profunda e tão estranha, que em lugar de tirar sangue para fora, o retira e recolhe para o coração?”²⁵

Imagens da natureza bem conhecidas dos ouvintes, raios e trovões ameaçando a humanidade, introduziam ao tema escolhido para o encontro daquele dia: *timor duplicii*. Na verdade o orador ameaçava seu público com os castigos do inferno.

O *confutatio* deu sequência à pregação e o público foi envolvido e atraído com questionamentos sobre as dúvidas que a matéria poderia suscitar. Com argumentação teológica original e complexa o pregador jesuíta afirmava que Deus poderia padecer as consequências do inferno. Colocava em dúvida a divindade do Criador, e a solução afirmando que “os condenados padecem no Inferno tudo aquilo a que Deus os condena; e Deus padece no Inferno aquilo a que não pode condenar os condenados”²⁶. A mesma língua que teria por finalidade louvar a Deus, o blasfemava. Deus eternamente blasfemado seria o maior horror do Inferno. Este foi considerado o objecto mais terrível e mais tremendo que se deveria temer naquele suplício.

Embasando seus argumentos nas Sagradas Escrituras, de modo especial, nos textos do Antigo Testamento e nos Padres da Igreja o pregador utilizou com frequência da contraposição de termos como céu x inferno, grande x pequeno, ordem x desordem para alcançar conclusões convincentes. A blasfêmia que procede da língua receberá o maior castigo do inferno e sofrerá maior dor:

“Comparando pois entre si estas três partes do Inferno, e horror com que se deve temer cada uma delas, isto é, a pena de sentido, a pena de dano, e ódio e blasfêmia contra Deus; assim como a segunda é muito mais terrível que a primeira, assim a terceira excede infinitamente a segunda: a segunda é muito mais terrível que a primeira; porque sendo o fogo mal finito, e Deus bem infinito, muito maior e mais terrível pena é não ver a Deus, que padecer o fogo.”²⁷

O temor do inferno e a fuga da blasfêmia justificam-se pelo desejo de louvar a Deus, “assim com o desejo fino e heróico do céu é desejá-lo, não para ver, senão para louvar a Deus; assim o temor fino e heróico do Inferno é temê-lo, não por não ver a Deus, mas pelo não blasfemar. Não vê-lo é dano meu, blasfemá-lo é injúria sua. E isto é o que teme sobretudo, quem limpa e heroicamente teme o inferno”²⁸.

Aparentemente, os argumentos sobre o tema estavam esgotados. Porém, os ouvintes foram novamente arguidos: pode haver consideração mais terrível que Deus blasfemando? A continuidade da reflexão estava garantida e exigia novas respostas. A impunidade seria injúria maior que a blasfêmia, pelo fato de não ser vingada. Destacavam-se as blasfêmias dos condenados ao fogo do inferno que continuavam a blasfemar, pois Deus não acrescentaria tormentos, àqueles aplicados na condenação do pecador, por duas razões: “para que este maior horror nos servisse de freio aos

²⁵ VIEIRA, Antônio, *op., cit.*, p. 247.

²⁶ *Ibid.*, p. 248.

²⁷ *Ibid.*, p. 259.

²⁸ *Ibid.*, p. 260.

pecados, e nos retraísse do inferno”. A segunda, “para que este mesmo horror e temor santo do Inferno fosse mais meritório e mais heróico. Se as blasfêmias do Inferno fossem castigadas com penas novas seriam temidas por amor de nós, e não por reverência a Deus”²⁹.

Conclamando os ouvintes para que abandonassem a blasfêmia e preservassem o temor como esperança de salvação, o Padre Vieira encerrou o Discurso Quanto.

A Esperança de prémio eterno

O Discurso Quinto versou sobre a esperança do gosto e prémio eterno: *Spes aeterni gaudii*. A última pedra prometia o efeito definitivo, portanto, não poderia errar o alvo, pois poderia transformar a cabeça do gigante “tão vã e soberba como dantes”. Diferente das pedras anteriores, a última era verde, da cor da esperança, sem ser esmeralda.

Alterando a estratégia interrogativa utilizada no intróito dos discursos anteriores, o pregador advertia que dispunha de uma última pedra, solicitando que o ouvissem. Comparou sua pedra à aventura dos argonautas portugueses que descobriram o Cabo da Boa Esperança e, posteriormente, localizaram a América. Considerava missão mais difícil e mais heróica aquela de pregador, pois propunha-se a descobrir “o cabo não da boa, nem da melhor esperança da Terra, senão da mais limpa, da mais fina, da mais heróica do céu”³⁰.

Tratando de superar as contradições que percebia entre os termos gosto-eterno e esperança afirmou que “nem o gosto, nem o eterno parece que se atam bem com a esperança; o gosto não porque a esperança é tormento; o eterno tão pouco, porque a esperança é virtude desta vida e do tempo, e não chega a eternidade”. Superar estas contradições foi o objectivo a que se propôs o pregador. Depois de desenvolver longa argumentação filosófica sobre os temas do tempo e da eternidade, concluiria que:

“Sendo pois o tormento da esperança tal, que do tempo faz eternidade, e tal o gosto da bem-aventurança, que da eternidade faz tempo, justamente se mede, e se corresponde o gozar da outra vida com a espera desta; e se paga o eterno da esperança com o eterno do gosto: *Spes aeterni gaudii*”³¹.

A análise continuou nos seguintes termos: “porque sendo o objecto desta esperança todo celestial, e todo eterno; limpo pelo celestial de tudo o que é terra, e limpo outra vez pelo eterno de tudo o que é tempo; parece que não pode limpar-se mais”. No céu existiria duas esperanças, puras e limpas, porém, uma mais limpa, fina e mais heróica que a outra. Ou seja, uma limpa e a outra limpidíssima.

Mais uma vez o orador recorreu aos recursos da Bíblia para tratar da questão da esperança. Opondo os termos Céu e Terra, demonstrou que na bem-aventurança do Céu não só haveria um sumo bem, Deus, como também outros bens sobrenaturais

²⁹ *Ibid.*, p. 265.

³⁰ *Ibid.*, p. 273.

³¹ *Ibid.*, p. 277.

criados e quase divinos. Se a esperança é só pura e limpa, espera a Deus e com Ele todos os bens. Contudo, se a esperança for puríssima e limpíssima, afasta-se dos demais bens, ainda que sobrenaturais e olha e espera só em Deus. Esta seria para o Padre Vieira a esperança do céu, pura e heróica.

Na sequência do discurso o pregador considerou as dúvidas que poderiam persistir entre os ouvintes, sobre o sumo bem e a esperança, e tratou de respondê-las: “Porém vejo que me estão dizendo: E que mau será querer, ou ter a Deus, e juntamente com Deus, também as outras cousas, não cousas más, senão boas?”³². Respondia o orador, que desejar a Deus e outros bens ao mesmo tempo seria uma forma de eclipsar a esperança.

Comparando os presentes aos romanos dos tempos de Nero o pregador afirmou que: “eram muito os mártires em Roma, hoje são muito mais. Aqueles eram mártires da fé, estes são mártires da esperança. Vede que são muito mais, porque são todos”³³. Diante da constatação conclamava os ouvintes para que substituíssem a esperança cheia de desgosto da busca dos bens terrenos, mesmo que juntamente com a busca de Deus, pela esperança do gosto eterno, para concluir que “Quem assim espera, não espera: espera, porque o gosto há-de ser sem fim na eternidade; e não espera, isto é, não aguarda, porque já o mesmo gosto tem o seu princípio na esperança: *spes aeteri gaudii*”³⁴.

Fechando o Sermão pregado pelo Padre António Vieira no Oratório da Rainha Cristina da Suécia encontramos uma Peroração, um tanto diferenciada das anteriores. Tratando de amplificar a mensagem e mover os corações o pregador não utilizou de contrições, exclamações ou ameaças de castigos eternos, impostos pelo tribunal divino. Ao contrário, de forma serena, responsabilizou os ouvintes pela eficácia da pregação. Se a funda de Davi foi esquecida após o combate, a espada que decepcionou a cabeça do gigante Golias foi dedicada ao templo. Assim, se as prédicas proferidas não alcançassem sucesso, a responsabilidade não deveria ser atribuída à funda, mas aos “fios virados” das espadas dos presentes. Questionou ainda seus ouvintes sobre a validade dos golpes externos se as paixões interiores permanecessem.

O padre Vieira externava optimismo ao afirmar que Davi não retirou a pedra da cabeça de Golias, mas deixou-a incrustada para que produzisse seus efeitos. Acrescentou ainda que procedera da mesma forma na sua pregação e convocava os ouvintes com os seguintes termos:

“Levai na memória a pedra do conhecimento próprio, e lembrai-vos que sois almas, e almas mortais: levai a pedra da dor do bem perdido, e doeí-vos do pecado: levai a pedra da vergonha do mal cometido, e envergonhai-vos de Deus e dos homens, e de vós mesmos: levai a pedra do temor do castigo eterno, temei mais que todas as penas do Inferno, o ódio e as blasfêmias contra Deus; levai, finalmente, a pedra da esperança do Céu, e vivei como que espera salvar-se, e gozar o sumo bem eternamente”³⁵.

Os efeitos práticos da pregação dependiam, em última instância, da vontade e do interesse dos presentes. O pregador colocava-se na posição de Davi e o público

³² *Ibid.*, p. 284.

³³ *Ibid.*, p. 292.

³⁴ *Ibid.*, p. 293.

³⁵ *Ibid.*, p. 294.

na de Golias. Os interessados em derrubar o gigante deveriam “cuidar e recuidar” para tornar possível a vitória sobre os vícios. As cinco pedras utilizadas por Davi poderiam receber o reforço de outras ainda mais fortes: as cinco chagas de Cristo, que venceram o mundo, o pecado e a morte.

Considerações finais

Ernest Carel não identificava nos discursos da Funda de Davi a mesma facilidade de outros Sermões. Justifica suas considerações no fato da pregação ter sido proferida numa língua estrangeira e a expectativa de agradar um público exigente. Acrescentou ainda que:

“Para se acomodar ao gosto dos ouvintes e da rainha Cristina, dotando um novo processo de discurso ele concede à razão uma parte mais ampla e inicia o gênero conferência. Mas esse gênero, equilibrado por natureza, talvez mais rigoroso e filosófico, estava em menor harmonia com as grandes qualidades oratorias. Essas teses acadêmicas que maravilhosamente se prestam à subtileza espiritual de um talento fino e penetrante, impediam o voo, as largas ascensões da águia”³⁶.

O pregador jesuíta partiu de um princípio incontestável a fim de estabelecer verdades naturais e reveladas. Como um viajante que sobe e desce o curso de um rio, adotou a estratégia que lhe permitia remontar aos princípios e que deram origem a originalidade às prédicas dedicadas ao combate entre Golias e Davi³⁷.

Considerando o número e o ritmo das actividades desenvolvidas pelo Padre Vieira, em Roma, seria ingênuo acreditar que dispusesse de tempo para redigir seus Sermões, na forma como estão publicados na *editio príncips*. Acrescente-se ao argumento o número de páginas que os compõem, o tempo necessário para proferi-los e reforça-se a convicção de que receberam tratamento especial e complementos para a publicação, que supervisionou nos últimos anos de sua vida.³⁸

Apesar da prodigiosa memória de que era dotado o Padre Vieira, certamente, durante a maior parte das suas prédicas, munia-se de esboços orientadores, referências exegéticas e teológicas, que não prejudicavam os improvisos, os gestos, as modulações da voz, enfim, todos os movimentos que criavam o “clima” propício para altos voos de oratória. Contudo, na forma como estão publicados, seguem as recomendações presentes no Sermão da Sexagésima e nos manuais de retórica da época, com *exórdio*, *confutatio*, *peroração*, *amplificação* (...). Infere-se que tais cuidados tenham sido tomados antes da publicação.

³⁶ CAREL, Ernest, *op. cit.*, pp. 359-360.

³⁷ Carel refere-se aos discursos das pedras de Davi como conferências, “verdadeiro curso de Filosofia e Teologia cristãs para uso da Rainha Cristina e os grandes de Roma”. CAREL, Ernest, *op. cit.*, p. 346. Sonia Netto Salomão se refere aos mesmos discursos como “um enorme legado linguístico-filológico e a mais acabada imagem de Vieira como lutador a enfrentar gigantes com a força da palavra empenhada”. SALOMÃO, Sônia Netto, “Vieira pregador em Roma: os cinco “cansadíssimos sermões da rainha”, in *Actas do Terceiro Centenário da Morte do Padre António Vieira*, Congresso Internacional, Universidade Católica Portuguesa, Braga, 1999, p. 1814.

³⁸ Sem dúvida, a leitura dos Sermões do Padre António Vieira, na forma como estão publicados, conduz a equívocos interpretativos. O pregador os lapidou antes da publicação, que coordenou a partir de 1679. As várias edições que circularam, sem a autorização do autor, dificultam ainda mais as análises.

Orientando-se pelos “borrões” o pregador jesuíta teria investido na forma, no estilo, na fundamentação exegética e na eliminação das arestas que os autógrafos redigidos em tempos tão distantes, como as décadas de 1630 e 1690, poderiam apresentar. Certamente, foi o momento em que teceu a harmonia doutrinária e superou as possíveis contradições que percebeu nos “rascunhos”. Como exemplo podemos recorrer aos Sermão de São Sebastião,³⁹ no qual, alguns estudiosos perceberam “laivos de Sebastianismo”. Se durante a pregação o Sebastião mencionado era o monarca português desaparecido na África, no texto publicado transformou-se no mártir de Roma.⁴⁰ Conhecendo sua aversão aos sebastianistas, nos tempos de D. João IV, o “verdadeiro encoberto”, seriam compreensíveis as alterações identificadas no texto publicado no *editio príncips*.

Lamentavelmente, ainda não foram localizados os autógrafos dos Sermões de António Vieira, talvez destruídos pelo terramoto de 1755, ou pela acção de Pombal, quando das tentativas de extinção da Ordem Inaciana. Não restam dúvidas que eles existiram, pois na sua correspondência encontramos repetidas referências aos mesmos. Porém, não se tem notícias de que tenham sido encontrados⁴¹.

Considerando que o Sermão *Le Cinque pietre della fionda di David* foi proferido em Oratório⁴² e publicado pouco tempo depois de proferido, certamente, estamos diante de excepção, isto é, foi escrito antes de proferido⁴³. Esta hipótese assume maior vigor quando consideramos a necessidade de uma redacção cuidadosa, diante de um público de nobres e prelados, inclusive cardeais. Talvez ensaiado. O público selecto dispunha grandes movimentos oratoriais, recursos utilizados com frequência em outros Sermões. Por outro lado, o orador jesuíta evitou as “frases afectadas” e o “estilo em Xadrez” que percebia nas prédicas da época e criticara severamente no Sermão da Sexagésima. Certamente, a originalidade e as subtilidades dos discursos *As cinco pedras da funda de Davi*⁴⁴ surpreenderam os ouvintes romanos, entre os quais, um número considerável de cardeais.

Le Cinque pietre della fionda di David não podem ser considerados cinco sermões distintos, pelo fato do pregador ter se referido aos mesmos com a expressão “can-sadíssimos sermões da Rainha”⁴⁵. Os cinco discursos proferidos em dias distintos e com novos argumentos, trataram de uma única matéria: *spes aeterni gaudii*. Por outro lado, estes Sermões não estão entre aqueles que o Padre Vieira considerava que sofreram a “corrupção” das edições que vinham a público sem a sua autorização.

³⁹ VIEIRA, A. Obras Completas: Sermões Porto, Lello & Irmão, 1959, Tomo VI, pp. 334-350

⁴⁰ MURARO, V. F. *Padre António Vieira. Retórica e utopia*. Florianópolis, Insular, 2003, pp. 54-59.

⁴¹ Outros comentários, hipóteses e referências aos autógrafos e borrões dos escritos do Padre António Vieira poderão ser encontrados no artigo de SMULDERS, Frits, “Tradições manuscritas na obra de António Vieira”, in MENDES, Margarida Vieira et alii (org.), *Vieira Escritor*, op. cit., pp. 53-63.

⁴² Nessas ocasiões o espaço reservado ao Sermão, actividade que encerrava a programação, era relativamente curto. Certamente, o tempo disponível exigia prédicas mais concisas que aquelas proferidas em outras celebrações.

⁴³ Na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro foi localizada uma versão italiana manuscrita de *Le Cinque pietre della fionda di David*, certamente, escrita pelo Padre Vieira na época em que pregou para os convidados da Rainha da Suécia. O cotejo com as edições publicadas disponíveis permite inferir que se trata do texto redigido antes proferido.

⁴⁴ VIEIRA, António. *As cinco pedras da funda de Davi*, in Obras completas do Padre António Vieira (Sermões), Porto, Lello & Irmão, 1959, Tomo XIV.

⁴⁵ SALOMÃO, Sonia Netto. “Os sermões “italianos” de António Vieira: contribuições para um estudo crítico”, op. cit., p. 66. A autora afirma que os discursos podem ser considerados cinco sermões diferentes.

Quando observamos a unidade temática, a harmonia dos argumentos e das conclusões, o elenco de referências e o brilhantismo das considerações filosóficas e teológicas, nos convencemos que foram cuidadosamente redigidos, antes de pregados. O que não exclui a possibilidade de que tenham recebido novos retoques, antes de publicados no conjunto dos Sermões de Antônio Vieira.

Proferidos em 1674, os cinco “discursos morais” pregados no auditório da Rainha da Suécia seriam publicados dois anos mais tarde, em Roma, Milão e Veneza. Portanto, o autor esteve muito próximo e, certamente, acompanhou as edições. Em 1676 em Madrid, Saragoça e Valência seria publicada a edição espanhola dos mesmos, talvez traduzidas pelo próprio autor. A análise comparativa das edições mencionadas revela alterações substanciais. O cotejo do texto da edição italiana e com aquele da *editio príncips*, revela alterações significativas, representadas por supressões, alterações, deslocamentos e acréscimos de parágrafos; novos argumentos, textos bíblicos e exemplos retirados da história e da natureza.

Quando se trata de *Le Cinque pietre de fionda di David*, mesmo diante da constatação de diferenças entre os textos publicados nas línguas italiana, espanhola e portuguesa, não é possível afirmar que “eram pronunciados, deles restando muitas vezes apenas anotações ou ‘borrões’ sobre os quais Vieira trabalhava posteriormente, tentando resgatar o tom da enunciação; a perspectiva de descoberta de outros testemunhos ...”.⁴⁶ Houve sim um processo de actualização e adaptação dos discursos, agora dirigidos a um público mais amplo, que aquele presente no auditório da Rainha. O deslocamento de parágrafos, os novos argumentos e o acréscimo de exemplos serviram para aumentar a harmonia entre os discursos e explicitar passagens que apresentassem dificuldades de compreensão, ou seja, o autor tratou de esclarecer temas complexos tendo em vista possíveis leitores pouco habituados com as reflexões filosóficas e teológicas. Contudo, a essência do sermão foi preservada. Portanto, o sermão *As cinco pedras da funda de Davi* publicado na *editio príncips* não resultou de um “rascunho” ou de exercício de memória do pregador pois, ao contrário de muitos Sermões do Padre Vieira, foi escrito antes de proferido. Receberia, a posteriori, retoques esclarecedores da matéria tratada.

O número de alterações identificadas numa primeira análise comparativa entre o texto italiano e as edições portuguesa e espanhola indica a necessidade de novas investigações envolvendo *Le Cinque pietre della fionda di David*. Só assim será possível perceber o grau de interferência que os discursos sofreram nas diferentes edições conhecidas⁴⁷.

⁴⁶ SALOMÃO, Sonia Netto. “Os sermões “italianos” de Antônio Vieira: contribuições para um estudo crítico”, *op.*, cit., p. 75.

⁴⁷ Alguns resultados já foram alcançados com investigações já realizadas. Vide MURARO, Valmir Francisco, *Padre Antônio Vieira: Navegante do Profetismo*, São Paulo, USP, 1998. Tese de doutoramento em História apresentada à Universidade de São Paulo. Considerando os limites definidos no presente artigo, pretende-se publicar os resultados alcançados em novo artigo. Sonia Netto Salomão já publicou os resultados de um estudo comparativo das diferentes edições. Vide SALOMÃO, Sonia Netto, “Vieira pregador em Roma: os cinco “cansadíssimos sermões da rainha”, *op. cit.*, pp. 1801-1814.

